

para, no momento da leitura, tomando como ponto de partida as pistas que o texto lhes oferece, construir para ele um sentido que seja compatível com a proposta apresentada pelo seu produtor.

Cada um dos nove capítulos apresenta, a par de uma exposição acerca do tópico tratado, um conjunto de exemplos comentados, com a função de facilitar o seu entendimento. Trabalha-se com textos de diversos gêneros, procurando ressaltar as peculiaridades de cada um deles, bem como aquilo que é comum a toda e qualquer manifestação da linguagem verbal e, portanto, a todo ato de leitura.

Espera-se, assim, preencher uma lacuna no mercado editorial, no qual têm predominado as obras teóricas sobre a questão, ou, então, os livros didáticos. Nossa preocupação é a de estabelecer uma ponte entre teorias sobre texto e leitura – esta aqui considerada a habilidade de compreensão/interpretação de textos – e práticas de ensino. Por esse motivo, são nossos interlocutores privilegiados os professores dos vários níveis de ensino, em especial os de línguas – materna e estrangeiras –, estudantes de cursos de Letras, de Pedagogia, bem como os demais interessados em questões de compreensão de leitura, ensino e funcionamento da linguagem de modo geral.

Somos gratas à *Editora Contexto* por seu constante incentivo à nossa produção intelectual e por, mais uma vez, acolher e divulgar um de nossos trabalhos.

Será, para nós, altamente gratificante se este pequeno livro puder trazer sua contribuição no sentido de incentivar e intensificar, em nosso país, a prática da leitura.

*As Autoras*

# 1

## Leitura, texto e sentido

### Concepção de leitura

Freqüentemente ouvimos falar – e também falamos – sobre a importância da leitura na nossa vida, sobre a necessidade de se cultivar o hábito de leitura entre crianças e jovens, sobre o papel da escola na formação de leitores competentes, com o que concordamos prontamente.

Mas, no bojo dessa discussão, destacam-se questões como: **O que é ler? Para que ler? Como ler?** Evidentemente, as perguntas poderão ser respondidas de diferentes modos, os quais revelarão uma concepção de **leitura** decorrente da concepção de **sujeito**, de **língua**, de **texto** e de **sentido** que se adote.

### Foco no autor

Sobre essa questão, KOCH (2002) afirma que a concepção de **língua como representação do pensamento** corresponde à de **sujeito psicológico, individual, dono de sua vontade e de suas ações**. Trata-se de um sujeito visto como um *ego* que constrói uma representação mental e deseja que esta seja “captada” pelo interlocutor da maneira como foi mentalizada.

Nessa concepção de língua como representação do pensamento e de sujeito como senhor absoluto de suas ações e de seu dizer, **o texto**

é visto como um produto – lógico – do pensamento (representação mental) do autor, nada mais cabendo ao leitor senão “captar” essa representação mental, juntamente com as intenções (psicológicas) do produtor, exercendo, pois, um papel passivo.

A **leitura**, assim, é entendida como a atividade de captação das idéias do autor, sem se levar em conta as experiências e os conhecimentos do leitor, a interação autor-texto-leitor com propósitos constituídos socio-cognitivo-interacionalmente. O foco de atenção é, pois, o autor e suas intenções, e o sentido está centrado no autor, bastando tão-somente ao leitor captar essas intenções.

### Foco no texto

Por sua vez, à concepção de **língua como estrutura** corresponde a de **sujeito determinado, “assujeitado” pelo sistema, caracterizado por uma espécie de “não consciência”**. O princípio explicativo de todo e qualquer fenômeno e de todo e qualquer comportamento individual repousa sobre a consideração do sistema, quer lingüístico, quer social.

Nessa concepção de **língua como código** – portanto, como mero instrumento de comunicação – e de **sujeito como (pre)determinado pelo sistema**, o **texto** é visto como simples produto da codificação de um emissor a ser decodificado pelo leitor/ouvinte, bastando a este, para tanto, o conhecimento do código utilizado.

Conseqüentemente, **a leitura** é uma atividade que exige do leitor o foco no texto, em sua linearidade, uma vez que “tudo está dito no dito”. Se, na concepção anterior, ao leitor cabia o reconhecimento das intenções do autor, nesta concepção, cabe-lhe o reconhecimento do sentido das palavras e estruturas do texto. Em ambas, porém, o leitor é caracterizado por realizar uma atividade de reconhecimento, de reprodução.

### Foco na interação autor-texto-leitor

Diferentemente das concepções anteriores, na concepção **interacional (dialógica) da língua**, os sujeitos são vistos como **atores/construtores sociais, sujeitos ativos que – dialogicamente – se constroem e são construídos no texto**, considerado o próprio lugar

da interação e da constituição dos interlocutores. Desse modo, há lugar, no texto, para toda uma gama de implícitos, dos mais variados tipos, somente detectáveis quando se tem, como pano de fundo, o contexto sociocognitivo (**ver capítulo 3**) dos participantes da interação.

Nessa perspectiva, **o sentido** de um texto é **construído na interação texto-sujeitos** e não algo que preexista a essa interação. **A leitura** é, pois, uma **atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos**, que se realiza evidentemente com base nos elementos lingüísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo.

A título de exemplificação do que acabamos de afirmar, vejamos a tirinha a seguir:



Fonte: Folha de S.Paulo, 13 abr. 2005.

Na tirinha, Garfield representa bem o papel do leitor que, em interação com o texto, constrói-lhe o sentido, considerando não só as informações explicitamente constituídas, como também o que é implicitamente sugerido, numa clara demonstração de que:

- a leitura é uma atividade na qual se leva em conta as experiências e os conhecimentos do leitor;
- a leitura de um texto exige do leitor bem mais que o conhecimento do código lingüístico, uma vez que o **texto** não é simples produto da codificação de um emissor a ser decodificado por um receptor passivo.

Fundamentamo-nos, pois, em uma concepção **sociocognitivo-interacional** de língua que privilegia os **sujeitos e seus conhecimentos em processos de interação**. O lugar mesmo de interação – como já dissemos – é o texto cujo sentido “não está lá”, mas é construído, considerando-se, para tanto, as “sinalizações” textuais dadas pelo autor e os conhecimentos do leitor, que, durante todo o processo de leitura, deve assumir uma atitude “responsiva ativa”. Em outras palavras, espera-se que o leitor, concorde ou não com as idéias do autor, complete-as, adapte-as etc., uma vez que “toda compreensão é prenhe de respostas e, de uma forma ou de outra, forçosamente, a produz” (BAKHTIN, 1992:290).

## A interação: autor-texto-leitor

Nas considerações anteriores, explicitamos a concepção de **leitura como uma atividade de produção de sentido**. Pela consonância com nossa posição aqui assumida, merece destaque o trecho a seguir sobre leitura, extraído dos Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa:

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas.

In: Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos de ensino fundamental: língua portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998, pp. 69-70.

Como vemos nesse trecho, encontra-se reforçado, na atividade de leitura, o papel do **leitor enquanto construtor de sentido**, utilizando-se, para tanto, de estratégias, tais como **seleção, antecipação, inferência e verificação**.

## Estratégias de leitura

Desse leitor, espera-se que processe, critique, contradiga ou avalie a informação que tem diante de si, que a desfrute ou a rechace, que dê sentido e significado ao que lê (cf. SOLÉ, 2003:21).

Essa concepção de leitura, que põe em foco o leitor e seus conhecimentos em interação com o autor e o texto para a construção de sentido, vem merecendo a atenção de estudiosos do texto e alimentando muitas pesquisas e discussões sobre a sua importância para o ensino da leitura.

A título de exemplificação, tentemos uma “simulação” de como nós, leitores, recorremos a uma série de **estratégias** no trabalho de construção de sentido. Para o nosso propósito, selecionamos o miniconto intitulado **O retorno do Patinho Feio**, de Marcelo Coelho, publicado na Folhinha da *Folha de S.Paulo*.

Nossa atividade de leitores ativos em interação com o autor e o texto começa com **antecipações e hipóteses** elaboradas com base em nossos conhecimentos sobre:

- o autor do texto: **Marcelo Coelho**
- o meio de veiculação do texto: **Folha de S.Paulo**
- o gênero textual: **miniconto**
- o título: elemento constitutivo do texto cuja função é, geralmente, chamar a atenção do leitor e orientá-lo na produção de sentido
- a distribuição e configuração de informações no texto.

Especificamente, ao nos depararmos com o título **O retorno do Patinho Feio**, fazemos antecipações, levantamos hipóteses que, no decorrer da leitura, serão confirmadas ou rejeitadas. Neste último caso, as hipóteses serão reformuladas e novamente testadas em um movimento que destaca a nossa atividade de leitor, respaldada em conhecimentos arquivados na memória (sobre a língua, as coisas do mundo, outros

textos, outros gêneros textuais, como veremos **no capítulo 2**) e ativados no processo de interação com o texto.

Focalizando o título, atentamos para a palavra “*retorno*” e seu significado – *regresso, volta* – e situamos a história no mundo das narrativas infantis, resgatando em nossa memória a história do Patinho Feio com a qual este conto dialoga de perto.

Com “previsões” motivadas pelo título, “adentramos” o texto, prosseguindo em nossa atividade de leitura e produção de sentido:

*Alfonso era o mais belo cisne do lago Príncipe de Astúrias. Todos os dias, ele contemplava sua imagem refletida nas águas daquele chiquérrimo e exclusivo condomínio para aves milionárias. Mas Alfonso não se esquecia de sua origem humilde.*

*– Pensar que, não faz muito tempo, eu era conhecido como o Patinho Feio...*

*Um dia, ele sentiu saudades da mãe, dos irmãos e dos amiguinhos da escola.*

A leitura desse trecho apresenta-nos uma personagem – que julgamos tratar-se da principal, uma vez que é citada no título e aparece em posição de destaque no início da história.

Também nossos olhos de leitores atentos apontam para uma oposição marcante no trecho em torno dos nomes Alfonso **x** Patinho Feio, à qual subjazem outras oposições: presente **x** passado; riqueza **x** pobreza.

No quadro abaixo, destacamos essa oposição:

Alfonso	Patinho Feio
<i>O mais belo cisne</i>	<i>o Patinho Feio</i>
<i>lago Príncipe de Astúrias</i>	•
<i>chiquérrimo e exclusivo condomínio para aves milionárias</i>	•

O quadro chama a nossa atenção para a forte caracterização de Alfonso, composta pelas adjetivações referentes à personagem e à sua morada, em frente à fraca caracterização no que concerne à sua vida quando era conhecido como Patinho Feio, fato esse que pode servir de estímulo à formulação de novas antecipações do leitor ativo.

No trecho em destaque, ainda nos salta aos olhos a expressão – **um dia** – introdutória de uma situação-problema, conforme conhecimento empiricamente constituído como ouvintes e/ou leitores desse gênero textual.

Continuando o processo de efetiva interação com o texto, levantamos hipóteses sobre o passado de Alfonso (Onde morava? Como era esse lugar?), bem como sobre as prováveis ações do “mais belo cisne do lago Príncipe das Astúrias”, motivadas pelo sentimento de saudade expresso no enunciado: **Um dia, ele sentiu saudades da mãe, dos irmãos e dos amiguinhos da escola.**

Então, o que fará Alfonso? Voltará ao lugar de origem? Reencontrará a mãe, os irmãos e amiguinhos de escola?

Prossigamos a leitura para a verificação e confirmação (ou não) de nossas hipóteses:

*Voou até a lagoa do Quaquerhá. O pequeno e barrento local de sua infância.*

*A pata Quitéria conversava com as amigas chocando sua quadragésima ninhada. Alfonso abriu suas largas asas brancas.*

*– Mamãe! Mamãe! Você se lembra de mim?*

É... se antecipamos que Alfonso voltaria à sua origem, acertamos. A leitura do trecho ainda nos propõe um avanço na caracterização do lugar de origem do Patinho Feio, em contraposição e complementação ao conteúdo do primeiro trecho da história.

Vejam a representação das novas informações (em negrito) no quadro:

Alfonso	Patinho Feio
<i>O mais belo cisne</i>	<i>o Patinho Feio</i>
<i>lago Príncipe de Astúrias</i>	<b><i>lago do Quaquerhá</i></b>
<i>chiquérrimo e exclusivo condomínio para aves milionárias</i>	<b><i>O pequeno e barrento local de sua infância</i></b>

O trecho se encerra com uma pergunta: **– Mamãe! Mamãe! Você se lembra de mim?**, cuja resposta – positiva ou negativa? – tentamos

antecipar e vamos verificar na continuidade da interação com o texto. Vejamos:

*Quitéria levantou-se muito espantada.*  
 – Se-se-senhor cisne ... quanta honra... mas creio que o senhor se confunde...  
 – Mamãe...?  
 – Como poderia eu ser mãe de tão belo e nobre animal?  
 Não adiantou explicar. Dona Quitéria balançava a cabeça.  
 – Esse cisne é mesmo lindo... mas doido de pedra, coitado...

O texto também nos desperta sentimentos, emoções. Envolto na atmosfera de emoções sugerida pela leitura, que efeito o “esquecimento” da pata Quitéria provocará no Alfonso?

Depois disso, o que pode acontecer? O que fará o pobre Alfonso? Voltará para o seu luxuoso condomínio? Hipótese número um. Persistirá no seu intento de ser reconhecido e novamente aceito na comunidade? Hipótese número dois.

É verdade que outras hipóteses poderão ser formuladas, tantas quantas permitirem os conhecimentos e a criatividade dos leitores. Mas como nossa pretensão é a de uma mera simulação de como o leitor interage com o texto, fiquemos naquelas duas apontadas e vamos confirmá-las (ou não) na leitura do trecho a seguir:

*Alfonso foi então procurar a Bianca. Uma patinha linda do pré-primário. Que vivia chamando Alfonso de feio.*  
 – Lembra de mim, Bianca? Gostaria de me namorar agora? He, he, he.

E, agora, o que nós, leitores, prevemos: Bianca responderá afirmativa ou negativamente às perguntas do Alfonso? Estamos torcendo para que sim ou para que não?

– Deus me livre! Está louco? Uma pata namorando um cisne! Aberração da natureza...

Como vemos, até o momento, a situação não está nada boa para Alfonso. Diante da negativa da pata Quitéria e da patinha Bianca, o que

Alfonso poderá fazer? Voltar para o lago Príncipe das Astúrias e esquecer de vez seu passado humilde? É uma (outra) hipótese...

*Alfonso respirou fundo. Nada mais fazia sentido por ali. Resolveu procurar um famoso bruxo da região.*

Temos de confessar que por essa não esperávamos, não é mesmo? O que acontecerá, então? Resolverá o bruxo o problema do Alfonso? Ou insistimos na hipótese de que nenhuma tentativa dará certo, devendo Alfonso retornar ao seu luxuoso condomínio e esquecer de vez seu passado humilde? Terá a história um final (in)feliz? É só ler para ver:

*Com alguns passes mágicos, o feiticeiro e astrólogo Omar Rhekko resolveu o problema. Em poucos dias, Alfonso transformou-se num pato adulto. Gorducho e bastante sem graça. Dona Quitéria capricha fazendo lasanhas para ele.*

– Cuidado para não engordar demais, filhinho.  
 Bianca faz um cafuné na cabeça de Alfonso.  
 – Gordo... pescoçudo... bicudo... Mas sabe que eu acho você uma gracinha?  
 Viveram felizes para sempre.

Chegamos ao final da leitura do texto **O retorno do Patinho Feio**, apresentado em fragmentos, para atender a nosso propósito. A seguir, o texto será apresentado de forma ininterrupta, para propiciar a sua reeleitura.

### O Retorno do Patinho Feio

*Alfonso era o mais belo cisne do lago príncipe de Astúrias. Todos os dias, ele contemplava sua imagem refletida nas águas daquele chiquêrrimo e exclusivo condomínio para aves milionárias. Mas Alfonso não se esquecia de sua origem humilde.*

– Pensar que, não faz muito tempo, eu era conhecido como o Patinho Feio... Um dia, ele sentiu saudades da mãe, dos irmãos e dos amiguinhos da escola. Voou até a lagoa do Quaquerhá. O pequeno e barrento local de sua infância.

A pata Quitéria conversava com as amigas chocando sua quadragésima ninhada. Alfonso abriu suas largas asas brancas.

– Mamãe! Mamãe! Você se lembra de mim?

Quitéria levantou-se muito espantada.

– Se-se-senhor cisne... quanta honra... mas creio que o senhor se confunde...

– Mamãe...?

– Como poderia eu ser mãe de tão belo e nobre animal?

Não adiantou explicar. Dona Quitéria balançava a cabeça.

– Esse cisne é mesmo lindo... mas doido de pedra, coitado...

Alfonso foi então procurar a Bianca. Uma patinha linda do pré-primário. Que vivia chamando Alfonso de feio.

– Lembra de mim, Bianca? Gostaria de me namorar agora? He, he, he.

– Deus me livre! Está louco? Uma pata namorando um cisne! Aberração da natureza...

Alfonso respirou fundo. Nada mais fazia sentido por ali. Resolveu procurar um famoso bruxo da região. Com alguns passes mágicos, o feiticeiro e astrólogo Omar Rhekko resolveu o problema. Em poucos dias, Alfonso transformou-se num pato adulto. Gorducho e bastante sem graça. Dona Quitéria capricha fazendo lasanhas para ele.

– Cuidado para não engordar demais, filhinho.

Bianca faz um cafuné na cabeça de Alfonso.

– Gordo... pescoçudo... bicudo... Mas sabe que eu acho você uma gracinha?

Viveram felizes para sempre.

Fonte: COELHO, Marcelo. "O Retorno do Patinho Feio". *Folha de S.Paulo*, 19 mar. 2005. Folhinha, p. 8

Na atividade de leitores ativos, estabelecemos relações entre nossos conhecimentos anteriormente constituídos e as novas informações contidas no texto, fazemos inferências, comparações, formulamos perguntas relacionadas com o seu conteúdo.

Mais ainda: processamos, criticamos, contrastamos e avaliamos as informações que nos são apresentadas, produzindo sentido para o que lemos. Em outras palavras, agimos estrategicamente, o que nos permite dirigir e auto-regular nosso próprio processo de leitura.

## Objetivos de leitura

É claro que não devemos nos esquecer de que a constante interação entre o conteúdo do texto e o leitor é regulada também pela intenção com que lemos o texto, pelos **objetivos da leitura**.

De modo geral, podemos dizer que há textos que lemos porque queremos nos manter informados (jornais, revistas); há outros textos que lemos para realizar trabalhos acadêmicos (dissertações, teses, livros, periódicos científicos); há, ainda, outros textos cuja leitura é realizada por prazer, puro deleite (poemas, contos, romances); e, nessa lista, não podemos nos esquecer dos textos que lemos para consulta (dicionários, catálogos), dos que somos "obrigados" a ler de vez em quando (manuais, bulas), dos que nos caem em mãos (panfletos) ou nos são apresentados aos olhos (outdoors, cartazes, faixas).

São, pois, os objetivos do leitor que nortearão o modo de leitura, em mais tempo ou em menos tempo; com mais atenção ou com menos atenção; com maior interação ou com menor interação, enfim.

## Leitura e produção de sentido

Anteriormente, destacamos a concepção de leitura como uma atividade baseada na interação autor-texto-leitor. Se, por um lado, nesse processo, necessário se faz considerar a materialidade lingüística do texto, elemento sobre o qual e a partir do qual se constitui a interação, por outro lado, é preciso também levar em conta os conhecimentos do leitor, condição fundamental para o estabelecimento da interação, com maior ou menor intensidade, durabilidade, qualidade.

## Leitura e ativação de conhecimento

É por essa razão que falamos de **um** sentido para o texto, não **do** sentido, e justificamos essa posição, visto que, na atividade de leitura, ativamos: lugar social, vivências, relações com o outro, valores da comunidade, conhecimentos textuais (cf. PAULINO et al. 2001), conforme nos revela a leitura do texto a seguir:



Fonte: Coleção *Subindo nas Tamarcas 1*. Selecionado por Maitena, trad. Ryta Vinagre, p. 21.

Na leitura da charge, dentre outros conhecimentos, ativamos valores da época e da comunidade em que vivemos, conforme verificamos na relação de causa e consequência sugerida na materialidade lingüística do texto:

- a velhice é a causa de se ficar cada vez menos: menos tônus muscular, menos brilho no cabelo, menos peito, menos bunda...
- a velhice é a causa de se ficar cada vez mais: mais olheiras, mais rugas, mais papada, mais manchas, mais barriga, mais celulite...

Quer encabeçada pelo MENOS, quer pelo MAIS, no texto se destaca uma avaliação negativa sobre a velhice, atualmente compartilhada por muitos. Sabemos – é verdade – que nem sempre foi assim, nem são todos os que assim pensam sobre essa fase da vida. A leitura e a produção de sentido são atividades orientadas por nossa bagagem sociocognitiva: conhecimentos da língua e das coisas do mundo (lugares sociais, crenças, valores, vivências).

### Pluralidade de leituras e sentidos

Considerar o leitor e seus conhecimentos e que esses conhecimentos são diferentes de um leitor para outro implica aceitar uma pluralidade de leituras e de sentidos em relação a um mesmo texto.

A título de exemplificação do que acabamos de afirmar, a proposta de Galhardo, expressa na tirinha abaixo – embora caricaturizada –, é excelente.



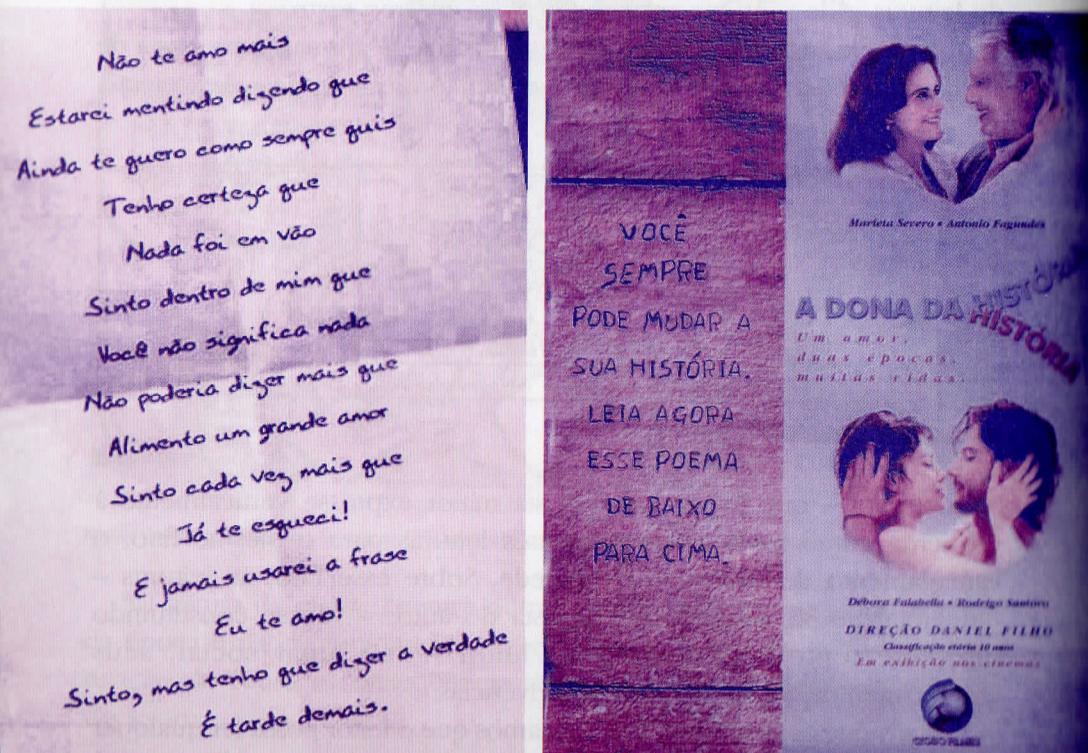
Fonte: Folha de S.Paulo, 11 ago. 1997.

A tirinha – que parte da proposta maior expressa verticalmente à esquerda como mote – apresenta três leituras para o mesmo fato: o esmagamento do mosquito na parede. Sobre esse fato, as leituras – num total de 36, segundo a proposta do autor – vão se constituindo diferentemente dependendo do leitor – seu lugar social, seus conhecimentos, seus valores, suas vivências.

É claro que com isso não preconizamos que o leitor possa ler qualquer coisa em um texto, pois, como já afirmamos, o sentido não está apenas no leitor, nem no texto, mas na interação autor-texto-leitor. Por isso, é de fundamental importância que o leitor considere na e para a produção de sentido as “sinalizações” do texto, além dos conhecimentos que possui.

A pluralidade de leituras e de sentidos pode ser maior ou menor dependendo do texto, do modo como foi constituído, do que foi explicitamente revelado e do que foi implicitamente sugerido, por um lado; da ativação, por parte do leitor, de conhecimentos de natureza diversa, como veremos **no capítulo a seguir**, e de sua atitude cooperativa perante o texto, por outro lado.

Se vimos, anteriormente, em relação à tirinha do Galhardo, que a leitura pode variar de um leitor para outro, podemos verificar também que a leitura pode variar em se tratando do mesmo leitor. É o que evidenciaremos com o texto a seguir:



Fonte: Revista Veja. São Paulo: Abril, ed. 1.874, ano 37, n. 40, 6 out. 2004.

Em relação ao texto, o mesmo leitor poderá realizar duas leituras diametralmente opostas e, nesta atividade, a orientação do autor tem

peso significativo: ler o poema de cima para baixo implica uma leitura orientada pelo fio condutor **não te amo mais**; ler de baixo para cima, uma leitura baseada no fio condutor **eu te amo**.

No exemplo, destacamos a orientação do autor para a realização da leitura: de cima para baixo ou de baixo para cima. No entanto, nem sempre essa orientação se constitui explicitamente.

Um ótimo exemplo disso é o texto a seguir:

*Fui à Água Doce Cachaçaria e tomei uma cachaça da boa, mas tão boa que resolvi levar dez garrafas para casa, mas Dona Patroa me obrigou a jogar tudo fora.*

*Peguei a primeira garrafa, bebi um copo e joguei o resto na pia.*

*Peguei a segunda garrafa, bebi outro copo e joguei o resto na pia.*

*Peguei a terceira garrafa, bebi o resto e joguei o copo na pia.*

*Peguei a quarta garrafa, bebi na pia e joguei o resto no copo.*

*Peguei o quinto copo, joguei a rolha na pia e bebi a garrafa.*

*Peguei a sexta pia, bebi a garrafa e joguei o copo no resto.*

*A sétima garrafa eu peguei no resto e bebi a pia.*

*Peguei no copo, bebi no resto e joguei a pia na oitava garrafa.*

*Joguei a nona pia no copo, peguei na garrafa e bebi o resto.*

*O décimo copo, eu peguei a garrafa no resto e me joguei na pia.*

*Não me lembro do que fiz com a Patroa!*

Não!!! Como leitores competentes, sabemos que agora não se trata de ler o texto de baixo para cima ou da direita para esquerda.

A orientação do autor é de outra natureza. Observemos: até a quinta linha o texto progride sem “estranhamento”. Da sexta linha em diante, a disposição dos termos na oração nos chama a atenção por ser semanticamente inaceitável, segundo o nosso conhecimento de mundo. Isso é uma pista importante para a produção do sentido do texto, assinaladora da relação de proporcionalidade: quanto mais o sujeito bebe, mais se embriaga; quanto mais se embriaga, mais comete “incoerências” sintático-semânticas.

No texto, a acentuação do grau de embriaguez está correlacionada às construções sintático-semânticamente comprometidas: quanto mais incoerentes os enunciados, mais acentuado o grau de embriaguez (afinal, bêbado não fala coisa com coisa mesmo, não é?). Como vemos, o texto pressupõe do leitor que leve em conta a “incoerência” – estilisticamente constituída – como uma indicação relevante para a produção de sentido.

## Fatores de compreensão da leitura

Já é do nosso conhecimento que a compreensão de um texto varia segundo as circunstâncias de leitura e depende de vários fatores, complexos e inter-relacionados entre si (ALLIENDE & CONDEMARÍN, 2002).

Embora defendamos a correlação de fatores implicados na compreensão da leitura, queremos chamar a atenção para as vezes em que fatores relativos ao autor/leitor, por um lado, ou ao texto, por outro lado, podem interferir nesse processo, de modo a dificultá-lo ou facilitá-lo.

### Autor/leitor

Esses fatores referem-se a conhecimento dos elementos lingüísticos (uso de determinadas expressões, léxico antigo etc.), esquemas cognitivos, bagagem cultural, circunstâncias em que o texto foi produzido.

A fim de exemplificar o que afirmamos, vamos ler o texto a seguir:

### Vide Bula

*Há cerca de 10 anos publiquei este artigo no Jornal de Cajuru, num momento especial para o país, quando o esquema colorido havia sido desmantelado, e havia grandes expectativas quanto ao futuro político do Brasil.*

*Hoje aproveito para republicá-lo, como prévia para o Vide Bula II, que certamente trará novos medicamentos, para quem sabe, desta vez, curar o paciente. Uma coisa é certa: este já não está mais na UTI. Concordam?*

*O Brasil está doente. Éta frasezinha batida! Todo mundo está cansado de saber disso. O diabo é: qual remédio?*

*Muito se tem tentado com drogas tradicionais, ou novidades, porém até agora nenhuma teve o tão almejado efeito de curar este pobre enfermo.*

*Há bem pouco tempo foi tentada uma droga novíssima, quase não testada, mas que prometia sucesso total, a “Collorcaína”, que, infelizmente, na prática de nada serviu, seus efeitos colaterais extremamente deletérios (como a liberação da “Pecelidona”) quase acaba com o doente.*

*Porém, para o ano que vem, novos medicamentos poderão ser usados. Enquanto isso não acontece, o doente consegue se manter com doses de “Itamarina” que é uma espécie de emplastro que, se não cura, também não mata.*

*Mas, voltando ao ano que vem, se é que podemos voltar ao futuro, vamos estudar os possíveis medicamentos que teremos à disposição do moribundo.*

*A primeira droga a ser discutida já é uma antiga que estava em desuso e voltou com nova embalagem e novas indicações, podendo ser eficaz no momento.*

*Trata-se da “Paumalufina”, extraída do pau-brasil com a propriedade de promover perda das gorduras, principalmente estatais, acentuando a livre iniciativa. Tem como efeito colateral a crise aguda de autoritarismo e também de perdulismo, sendo contra-indicada para as democracias.*

*A segunda droga, também já testada, é derivada da “Pemedebona”, a “Orestequercina”, que atua em praticamente todos os órgãos, que passam a funcionar somente às custas da “Desoxidopropinainterferase”, que promove um desempenho muito mais fisiológico.*

*Esta droga tem como efeito colateral uma grande depleção das reservas, depleção esta que pode ser fatal ao organismo.*

*Mais recentemente foi criada a “L.A. Fleurizina”. Derivada da “Orestequercina”, age de maneira muito semelhante à mesma, sendo, entretanto, muito mais contundente e agressiva. É formalmente contra-indicada para Carandirus e professores.*

*A terceira droga do nosso tratado é uma ainda não testada, mas já com fama de eficiência. Trata-se do “Cloridrato de Lulalá”, derivada da “Estrelapetina”, e, como efeito, promete revitalizar as células periféricas, tornando-as tão importantes quanto as do SNC ( Sistema Nervoso Central).*

*É importante lembrar que a mesma pode causar imobilismo com liberação de seitas e dissidências. Tais efeitos colaterais podem ser evitados com injeção na veia de “antisectarina” e cápsulas de “Bonsensol”.*

*Ainda é bom lembrar que o uso de tal substância provoca uma cor avermelhada em todos os órgãos.*

*A quarta droga que discutiremos é a “Tucanina Cacicóide”, na verdade, um complexo de inúmeros componentes, como a “F.H.Cardozina”, a*

“Zesserrinitrina”, a “Mariocovase” e muitas outras mais que são muito eficientes “In Vitro”, porém sem comprovação de efeito “In Vivo”.

Seu maior efeito colateral é a interação de seus componentes que competem entre si, causando uma síndrome chamada “encimamurismo”, síndrome esta extremamente deletéria e que pode inviabilizar o uso de tal medicamento.

Existem ainda drogas menores como a “Brizolonina” que, quando aplicada, provoca intensa verborragia e manias perseguitórias.

Há ainda a A.C. Malvadezina, uma droga extremamente tóxica que causa náuseas até em quem aplica.

Terminando nosso estudo, esperamos que, desta vez, os médicos saibam o remédio certo para salvar o doente.

Autor: Luiz Fernando Elias é cardiologista e, nas horas vagas, cronista.

O que nos chama a atenção no texto? Que conhecimentos são necessários da parte do leitor para compreender o texto?

Respondendo à primeira pergunta, podemos dizer que nos chama a atenção a criação de um “código específico”

Collorcaína, Pecelidona, Itamarina, Paumalufina, Pemedebona, Orestequercina, Desoxidopropinainterferase, L.A. Fleurizina, Orestequercina, Cloridrato de Lulalá, Estrelapetina, antiseptarina, Bonsensol, Tucanina Cacicóide, F.H. Cardozina, Zesserrinitrina, Mariocovase, encimamurismo, Brizolonina, A.C. Malvadezina

resultante da conjugação do conhecimento do autor sobre:

- política e medicina;
- elementos formadores e processos de formação de palavras, o que lhe possibilita elaborar um “diagnóstico” sobre a política brasileira.

Além desse “código inventado”, destacamos as partes do texto referentes a informações sobre as “drogas”, composição, efeito colateral, contra-indicação. Em outras palavras, o autor, em sua produção, também evidencia o conhecimento que possui sobre o **gênero bula**. É o que podemos verificar se compararmos o conteúdo de uma bula qualquer com o conteúdo do texto apresentado no quadro a seguir:

DROGA	COMPOSIÇÃO	INFORMAÇÃO	EFEITO COLATERAL	CONTRA-INDICAÇÃO
Collorcaína			extremamente deletérios (como a liberação da Pecelidona)	
Itamarina		uma espécie de emplastro		
Paumalufina		Extraída do pau-brasil com a propriedade de promover perda das gorduras, principalmente estatais, acentuando a livre iniciativa	a crise aguda de autoritarismo e também de perdularismo	para as democracias
Orestequercina	derivada da Pemedebona	que atua em praticamente todos os órgãos, que passam a funcionar somente às custas da Desoxidopropinainterferase, que promove um desempenho muito mais fisiológico	uma grande depleção das reservas, depleção esta que pode ser fatal ao organismo	
L.A. Fleurizina	Derivada da Orestequercina	age de maneira muito semelhante à mesma, sendo, entretanto, muito mais contundente e agressiva		formalmente contraindicada para Carandirus e professores
Cloridrato de Lulalá	derivada da Estrelapetina	promete revitalizar as células periféricas, tornando-as tão importantes quanto as do SNC (Sistema Nervoso Central)	pode causar imobilismo com liberação de seitas e dissidências. Tais efeitos colaterais podem ser evitados com injeção na veia de antiseptarina e cápsulas de Bonsensol. provoca uma cor avermelhada em todos os órgãos	
Tucanina Cacicóide	um complexo de inúmeros componentes, como a F.H. Cardozina, a Zesserrinitrina, a Mariocovase e muitas outras mais que são muito eficientes “In Vitro”		a interação de seus componentes que competem entre si, causando uma síndrome chamada encimamurismo, síndrome esta extremamente deletéria e que pode inviabilizar o uso de tal medicamento	
Brizolonina			provoca intensa verborragia e manias perseguitórias	
A.C. Malvadezina			uma droga extremamente tóxica que causa náuseas até em quem aplica	

Como vemos, se, do lado do autor, foi mobilizado um conjunto de conhecimentos para a produção do texto, espera-se, da parte do leitor, que considere esses conhecimentos (de língua, de gênero textual e de mundo) no processo de leitura e construção de sentido.

Em outras palavras, podemos dizer que os conhecimentos selecionados pelo autor na e para a constituição do texto “criam” um

leitor-modelo. Desse modo, o texto, pela forma como é produzido, pode exigir mais ou exigir menos conhecimento prévio de seus leitores. O texto anterior é um exemplo de que um texto não se destina a todos e a quaisquer leitores, mas pressupõe um determinado tipo de leitor.

Em nosso dia-a-dia, deparamo-nos com inúmeros textos veiculados em meios diversos (jornais, revistas, rádio, tv, internet, cinema, teatro) cuja produção é “orientada” para um determinado tipo de leitor (um público específico), o que, aliás, vem evidenciar o princípio interacional constitutivo do texto, do uso da língua.

## Texto

Além dos fatores da compreensão da leitura derivados do autor e do leitor, há os derivados do texto que dizem respeito à sua legibilidade, podendo ser materiais, lingüísticos ou de conteúdo (cf. ALLIENDE & CONDEMARIN, 2002).

Dentre os **aspectos materiais** que podem comprometer a compreensão, os autores citam: o tamanho e a clareza das letras, a cor e a textura do papel, o comprimento das linhas, a fonte empregada, a variedade tipográfica, a constituição de parágrafos muito longos; e, em se tratando da escrita digital, a qualidade da tela e uso apenas de maiúsculas ou de minúsculas ou excesso de abreviações.

Além dos fatores materiais, há **fatores lingüísticos** que podem dificultar a compreensão, tais como: o léxico; estruturas sintáticas complexas caracterizadas pela abundância de elementos subordinados; orações super-simplificadas, marcadas pela ausência de nexos para indicar relações de causa/efeito, espaciais, temporais; ausência de sinais de pontuação ou inadequação no uso desses sinais.

Vejamos, a seguir, um clássico exemplo de um gênero textual (bula) no qual a conjugação de fatores materiais e lingüísticos compromete a compreensão leitora.

Esta bula é continuamente atualizada. Favor proceder a sua leitura antes de utilizar o medicamento.

## Novalgina®

**Aventis**

dipirona sódica

FORMAS FARMACÊUTICAS E APRESENTAÇÕES

Comprimidos 500 mg - embalagens com 30, 100 e 240 comprimidos.

Solução oral (gotas) - frascos com 10 e 20 mL.

Solução oral - frascos com 100 mL acompanhados de medida graduada (2,5 mL - 5 mL - 7,5 mL e 10 mL).

### USO ADULTO E PEDIÁTRICO

#### COMPOSIÇÃO

Cada comprimido de 500 mg contém:

Dipirona sódica .....500 mg  
Excipientes q.s.p. ....1 comprimido  
(estearato de magnésio, macrogol 4000)

Cada mL de solução oral (gotas) contém:

Dipirona sódica .....500 mg  
Veículo q.s.p. ....1 mL  
(fosfato de sódio monobásico diidratado, fosfato de sódio dibásico dodecaidratado, sacarina sódica, essência meio a meio, corante amarelo tartrazina, água purificada)

Cada mL de solução oral contém:

Dipirona sódica ..... 50mg  
Veículo q.s.p. ....1 mL  
(açúcar, formaldeído bissulfito de sódio, sorbato de potássio, benzoato de sódio, ácido cítrico, corante eritrosina, essência de framboesa, água purificada)

#### INFORMAÇÃO AO PACIENTE

**Ação esperada do medicamento:** NOVALGINA® (dipirona sódica) é um medicamento à base de dipirona sódica, utilizado no tratamento das manifestações dolorosas e febre. Para todas as formas farmacêuticas, os efeitos analgésico e antipirético podem ser esperados em 30 a 60 minutos após a administração e geralmente duram aproximadamente 4 horas.

**Cuidados de armazenamento:** NOVALGINA® (dipirona sódica) comprimidos deve ser armazenado ao abrigo da luz e umidade, NOVALGINA® (dipirona sódica) solução oral deve ser armazenado ao abrigo da luz e NOVALGINA® (dipirona sódica) gotas deve ser armazenada em temperatura ambiente (entre 15 e 30 °C) ao abrigo da luz e umidade.

**Prazo de validade:** vide cartucho. Ao adquirir o medicamento, confira sempre o prazo de validade impresso na embalagem externa do produto. **NUNCA USE MEDICAMENTO COM PRAZO DE VALIDADE VENDIDO. PODE SER PREJUDICIAL À SUA SAÚDE.**

**Gravidez e lactação:** informe seu médico a ocorrência de gravidez na vigência do tratamento ou após o seu término ou se está amamentando. NOVALGINA® (dipirona sódica) não deve ser utilizada durante o primeiro e terceiro trimestres da gravidez e durante a lactação.

**Cuidados de administração:** siga a orientação do seu médico, respeitando sempre os horários, as doses e a duração do tratamento. NOVALGINA® (dipirona sódica) não deve ser administrada em altas doses, ou por períodos prolongados, sem controle médico. Cada 5 mL de NOVALGINA® (dipirona sódica) solução oral contém 3,6 g de açúcar, portanto, não deve ser administrada a diabéticos.

#### Modo de usar:



**Interrupção do tratamento:** o tratamento pode ser interrompido a qualquer instante sem provocar danos ao paciente.

**Reações adversas:** informe seu médico o aparecimento de reações desagradáveis, tais como: coceira, ardor, inchaço, bem como quaisquer outros sinais ou sintomas. Informe também caso você sinta dor ou qualquer anormalidade na boca ou garganta.

**TODO MEDICAMENTO DEVE SER MANTIDO FORA DO ALCANCE DAS CRIANÇAS.**

**Ingestão concomitante com outras substâncias:** deve-se ter cautela quando da administração concomitante de NOVALGINA® (dipirona sódica) com ciclosporina.

**Contra-indicações e precauções:** NOVALGINA® (dipirona sódica) está contra-indicada a pacientes que apresentam hipersensibilidade aos medicamentos que contenham dipirona sódica, propifenazona, fenazona, fenilbutazona, oximetibutazona ou aos demais componentes da formulação, em casos de porfiria hepática aguda intermitente, deficiência congênita de glicose-6-fosfato desidrogenase, asma analgésica ou intolerância analgésica, em crianças menores de 3 meses de idade ou pesando menos de 5 Kg e nos três primeiros e três últimos meses de gravidez. A lactação deve ser evitada durante e até 48 horas após o uso de NOVALGINA® (dipirona sódica). Informe seu médico sobre qualquer medicamento que esteja usando, antes do início ou durante o tratamento. Informe também, caso você tenha asma ou outros problemas respiratórios. Durante o tratamento com NOVALGINA® (dipirona sódica) pode-se observar uma coloração avermelhada na urina que desaparece com a descontinuação do tratamento, devido à excreção do ácido rubazônico.

**NÃO TOME REMÉDIO SEM O CONHECIMENTO DO SEU MÉDICO. PODE SER PERIGOSO PARA SUA SAÚDE.**

Para NOVALGINA® (dipirona sódica) SOLUÇÃO ORAL (GOTAS), favor observar a seguinte menção: **ESTE PRODUTO CONTÉM O CORANTE AMARELO DE TARTRAZINA QUE PODE CAUSAR REAÇÕES DE NATUREZA ALÉRGICA, ENTRE AS QUAIS ASMA BRÔNQUICA, ESPECIALMENTE EM PESSOAS ALÉRGICAS AO ÁCIDO ACETILSALICÍLICO.**

#### INFORMAÇÃO TÉCNICA

##### Propriedades Farmacodinâmicas

A dipirona sódica é um derivado pirazolônico não-narcótico com efeitos analgésico e antipirético.

O seu mecanismo de ação não se encontra completamente investigado. Alguns dados indicam que a dipirona sódica e seu principal metabólico (4-N-metilaminoantipirina) possuem mecanismo de ação central e periférico combinados.

**Propriedades Farmacocinéticas**

A farmacocinética da dipirona sódica e de seus metabólitos não está completamente investigada, porém as seguintes informações podem ser fornecidas:

Após administração oral, a dipirona sódica é completamente hidrolisada em sua porção ativa, 4-N-metilaminoantipirina (MAA). A biodisponibilidade absoluta do MAA é de aproximadamente 90%, sendo um pouco maior após administração oral quando comparada à administração intravenosa. A farmacocinética do MAA não é extensivamente alterada quando a dipirona sódica é administrada concomitantemente a alimentos.

Principalmente o MAA, mas também o 4-aminoantipirina (AA), contribuem para o efeito clínico. Os valores de AUC para AA constituem aproximadamente 2% do valor de AUC para MAA. Os metabólitos 4-N-acetilaminoantipirina (AAA) e 4-N-formilaminoantipirina (FAA) parecem não apresentar efeito clínico. São observadas farmacocinéticas não-lineares para todos os metabólitos. São necessários estudos adicionais antes que se chegue a uma conclusão sobre o significado clínico destes resultados. O acúmulo de metabólitos apresenta pequena relevância clínica em tratamentos de curto prazo.

O grau de ligação às proteínas plasmáticas é de 58% para MAA, 48% para AA, 18% para FAA e 14% para AAA.

Após a administração intravenosa, a meia-vida plasmática é de aproximadamente 14 minutos para a dipirona sódica. Aproximadamente 96% e 6% da dose radiomarcada administrada por via intravenosa foram excretadas na urina e fezes, respectivamente. Foram identificados 85% dos metabólitos que são excretados na urina, quando da administração oral de dose única, obtendo-se 3% ± 1% para MAA, 6% ± 3% para AA, 26% ± 8% para AAA e 23% ± 4% para FAA. Após administração oral de dose única de 1 g de dipirona sódica, o "clearance" renal foi de 5 mL ± 2 mL/min para MAA, 38 mL ± 13 mL/min para AA, 61 mL ± 8 mL/min para AAA, e 49 mL ± 5 mL/min para FAA. As meias-vidas plasmáticas correspondentes foram de 2,7 ± 0,5 horas para MAA, 3,7 ± 1,3 horas para AA, 9,5 ± 1,5 horas para AAA, e 11,2 ± 1,5 horas para FAA.

Em idosos, a exposição (AUC) aumenta 2 a 3 vezes. Em pacientes com cirrose hepática, após administração oral de dose única, a meia-vida de MAA e FAA aumentou 3 vezes (10 horas), enquanto para AA e AAA este aumento não foi tão marcante.

Pacientes com insuficiência renal não foram extensivamente estudados até o momento. Os dados disponíveis indicam que a eliminação de alguns metabólitos (AAA e FAA) é reduzida.

**INDICAÇÕES**

Analgésico e antipirético.

**CONTRA-INDICAÇÕES**

NOVALGINA® (dipirona sódica) não deve ser administrada a pacientes com:

- Hipersensibilidade à dipirona sódica ou a qualquer um dos componentes da formulação ou a outras pirazolonas (ex.: fenazona, propifenazona) ou pirazolidinas (ex.: fenilbutazona, oxifembutazona) incluindo, por exemplo, caso anterior de agranulocitose em reação a um destes medicamentos.

- Em certas doenças metabólicas tais como: porfiria hepática aguda intermitente (risco de indução de crises de porfiria) e deficiência congênita da glicose-6-fosfato-desidrogenase (risco de hemólise).

- Função da medula óssea insuficiente (ex.: após tratamento citostático) ou doenças do sistema hematopoiético.

- Asma analgésica ou intolerância analgésica do tipo urticária-angioedema, ou seja, em pacientes com desenvolvimento anterior de broncospasmo ou outras reações anafilactóides (ex.: urticária, rinite, angioedema) provocadas por salicilatos, paracetamol ou outros analgésicos não-narcóticos (ex.: diclofenaco, ibuprofeno, indometacina, naproxeno).

- Crianças menores de 3 meses de idade ou pesando menos de 5 Kg.

- É recomendada supervisão médica quando se administra à crianças com mais de 3 meses e crianças pequenas.

- Durante os três primeiros e três últimos meses de gravidez.

**PRECAUÇÕES E AVERTÊNCIAS**

Em caso de ocorrência de sinais sugestivos de agranulocitose ou trombopenia (ver item REAÇÕES ADVERSAS), deve-se interromper o tratamento com NOVALGINA® (dipirona sódica) imediatamente e realizar contagem de células sanguíneas (incluindo contagem diferencial de leucócitos). A interrupção do tratamento com NOVALGINA® (dipirona sódica) não deve ser adiada até que os resultados dos testes laboratoriais estejam disponíveis.

Pacientes que apresentam reações anafilactóides à dipirona sódica podem apresentar um risco especial para reações semelhantes a outros analgésicos não-narcóticos.

Pacientes que apresentam reações anafiláticas ou outras imunologicamente mediadas, ou seja, reações alérgicas (ex.: agranulocitose) à dipirona sódica, podem apresentar um risco especial para reações semelhantes a outras pirazolonas ou pirazolidinas.

Os seguintes pacientes apresentam risco especial para reações anafilactóides graves possivelmente relacionadas à dipirona sódica:

- pacientes com asma analgésica ou intolerância analgésica do tipo urticária-angioedema (ver item CONTRA-INDICAÇÕES);

- pacientes com asma brônquica, particularmente aqueles com rinosinusite poliposa concomitante;

- pacientes com urticária crônica;

- pacientes com intolerância ao álcool, ou seja, pacientes que reagem até mesmo a pequenas quantidades de certas bebidas alcoólicas, apresentando sintomas como espirros, lacrimejamento e rubor pronunciado da face. A intolerância ao álcool pode ser um indicio de síndrome de asma analgésica prévia não diagnosticada;

- pacientes com intolerância a corantes (ex.: tartrazina) ou a conservantes (ex.: benzoatos).

A administração de dipirona sódica pode causar reações hipotensivas isoladas (ver item REAÇÕES ADVERSAS). Essas reações são possivelmente dose-dependentes e ocorrem com maior probabilidade após administração parenteral. Além disso, o risco de reações hipotensivas graves desse tipo é aumentado: se a administração parenteral não for realizada lentamente; em pacientes que apresentam hipotensão pré-existente; em pacientes com depleção volumétrica ou desidratação, instabilidade circulatória ou insuficiência circulatória incipiente; bem como em pacientes com febre excepcionalmente alta (hiperpirexia).

Nestes pacientes, a dipirona sódica deve ser indicada com extrema cautela e administração de NOVALGINA® (dipirona sódica) em tais circunstâncias deve ser realizada sob supervisão médica. Podem ser necessárias medidas preventivas (como estabilização da circulação) para reduzir o risco de reações de hipotensão.

Em pacientes nos quais a diminuição da pressão sanguínea deve ser absolutamente evitada, tais como em pacientes com coronariopatia grave ou estenose relevantes dos vasos sanguíneos que suprem o cérebro, a dipirona sódica deve ser administrada somente sob monitorização hemodinâmica.

Como vemos, não é à toa que a bula é conhecida como um texto de difícil leitura por seus aspectos materiais, lingüísticos e de conteúdo. Tamanha é a dificuldade da leitura e compreensão do gênero, que já existe em andamento uma proposta para resolver o problema. É o que nos informa o texto a seguir:

**NOVAS BULAS**

*Na linguagem popular, a expressão "como bula de remédio" já se tornou sinônima de texto difícil de ler, seja pelas letras pequenas seja pela linguagem obscura. É especialmente cruel o fato de que as letras mínimas causam especial embaraço às pessoas de maior idade, justamente as que mais tendem a precisar de medicamentos.*

*É, portanto, mais do que bem-vinda a iniciativa da Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) de modificar as regras para a confecção de bulas, visando a facilitar a vida do consumidor. A oportunidade do empreendimento não o torna, porém, mais simples ou mesmo factível.*

*Dentro em breve, a pessoa que comprar um medicamento na farmácia receberá apenas a bula que contém explicações destinadas ao paciente. As informações técnicas – dirigidas a médicos – constarão de um bulário on-line da Anvisa e de fármacos utilizados em hospitais, além, é claro, dos diversos dicionários de remédios já no mercado. Atualmente, as bulas trazem tanto informações ao paciente como as destinadas a profissionais de saúde.*

*Com as novas regras, será possível aproveitar melhor o espaço para aumentar o tamanho da letra. A separação dos textos também evitará a duplicação de informações, que freqüentemente gera dúvidas.*

*A principal dificuldade é encontrar a linguagem ideal para a bula ao paciente. Tomam remédios e deveriam ser capazes de entender suas instruções desde o semi-analfabeto até pessoas com formação superior.*

*Se, para os segundos, um termo como "crise epiléptica" não oferece maiores problemas de compreensão, ele pode ser impenetrável para o público com menor formação. E como substituí-lo sem sacrificar em demasia a precisão técnica?*

*Não há resposta pronta. Sabe-se apenas que ela passa pelo bom senso. Infelizmente, apesar do que certa vez proclamou um sábio, o bom senso não foi muito bem repartido entre todos os seres humanos.*

## Escrita e leitura: contexto de produção e contexto de uso

Depois de escrito, o texto tem uma existência independente do autor. Entre a produção do texto escrito e a sua leitura, pode passar muito tempo, as **circunstâncias da escrita (contexto de produção)** podem ser absolutamente diferentes das **circunstâncias da leitura (contexto de uso)**, fato esse que interfere na produção de sentido, como bem exemplifica a tirinha a seguir:



Fonte: Folha de S.Paulo, 8 maio 2005.

Pode acontecer também que o texto venha a ser lido num lugar muito distante daquele em que foi escrito ou pode ter sido reescrito de muitas formas, mudando consideravelmente o modo de constituição da escrita, como nos exemplificam os textos a seguir:

### TEXTO 1

#### Capítulo I

##### QUE TRATA DA CONDIÇÃO E EXERCÍCIO DO FAMOSO FIDALGO DOM QUIXOTE DE LA MANCHA

*Num lugar de La Mancha,<sup>1</sup> de cujo nome não quero lembrar-me, vivia, não há muito, um fidalgo, dos de lança em cabido, adarga antiga, rocim fraco, e*

<sup>1</sup> A alusão de Cervantes pode referir-se a um dos sete povoados: Miguel Esteban, Villaverde, Esquivias, Tisteafuera, Quintanar de La Orden, Argamasilla de Calatrava, Argamasilha de Alba; alguns com forte tradição cervantina.

*galgo corredor. Passadio, olha seu tanto mais de vaca do que de carneiro,<sup>2</sup> as mais das ceias restos da carne picados com sua cebola e vinagre, aos sábados outros sobejos ainda somenos, lentilhas às sextas-feiras, algum pombito de crecência aos domingos, consumiam três quartos do seu haver. O remanescente, levavam-no saio de velarte,<sup>3</sup> calças de veludo para as festas, com seus pantufos do mesmo; e para os dias de semana o seu vellori<sup>4</sup> do mais fino. Tinha em casa uma ama que passava dos quarenta, uma sobrinha que não chegava aos vinte, e um moço da poisada e de porta afora, tanto para o trato do rocim, como para o da fazenda. Orçava na idade o nosso fidalgo pelos cinqüenta anos. Era rijo de compleição, seco de carnes, enxuto de rosto, madrugador, e amigo da caça. Querem dizer que tinha o sobrenome de Quijada ou Quesada, que nisto discrepam algum tanto os autores que tratam na matéria; ainda que por conjeturas verossímeis se deixa entender que se chamava Quijana. Isto, porém, pouco faz para a nossa história; basta que, no que tivermos de contar, não nos desviemos da verdade nem um til.*

*É pois de saber que este fidalgo, nos intervalos que tinha de ócio (que eram os mais do ano), se dava a ler livros de cavalarias, com tanta afeição e gosto, que se esqueceu quase de todo do exercício da caça, e até da administração dos seus bens; e a tanto chegou a sua curiosidade e desatino neste ponto, que vendeu muitos trechos de terra de sementeira para comprar livros de cavalarias que ler, com o que juntou em casa quantos pôde apanhar daquele gênero. Dentre todos eles, nenhum lhe pareciam tão bem como os compostos pelo famoso Feliciano de Silva,<sup>5</sup> porque a clareza da sua prosa e aquelas intrincadas razões suas lhe pareciam de pérolas, e mais, quando chegava a ler aqueles requebros e cartas de desafio, onde em muitas partes achava escrito: "A razão da sem-razão que à minha razão se faz, de tal maneira a minha razão enfraquece, que com razão me queixo da vossa formosura". E também quando lia: "...os altos céus que de vossa divindade divinamente com as estrelas vos fortificam, e vos fazem merecedora do merecimento que merece a vossa grandeza".<sup>6</sup>*

Fonte: CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. *Dom Quixote de la Mancha*. São Paulo: Nova Cultural, 2002, p. 31.

<sup>2</sup> A carne de carneiro era mais apreciada que a de vaca. Em toda essa passagem pinta Cervantes a vida pacífica e medíocre do fidalgo.

<sup>3</sup> Pano negro e lustroso, usado como agasalho.

<sup>4</sup> Pano de espessura média, da cor da lã, embora inferior ao velarte.

<sup>5</sup> Autor da *Segunda comédia de Calixto* e de vários livros de cavalaria, entre os quais *Lisuarte de Grécia*, *Amadis de Grécia*, *Florisel de Niquéia* e *Rogel de Grécia*.

<sup>6</sup> Este trecho é um exemplo das degenerações da linguagem cavaleiresca.

## TEXTO 2

## Dom Quixote sonhador

Dom Quixote era um homem muito sonhador. Vivía imaginando grandes aventuras em que sempre fazia o papel de herói.

Morava numa pequena aldeia na Província da Mancha, na Espanha, onde havia nascido. Como tinha pouco o que fazer, sobrava-lhe tempo para sonhar e ler muitos livros. Gostava dos livros de aventuras, principalmente os que contavam as incríveis histórias dos cavaleiros andantes. Elas o deixavam muito empolgado.

Porém, de tanto ler e fantasiar, seu cérebro começou aos poucos a confundir-se. O passado e o presente se misturavam.



Certo dia, convenceu-se de que era um daqueles valentes cavaleiros e tinha como missão ajudar os fracos e salvar as belas princesas raptadas por vilões.

Vasculhando um escuro sótão cheio de coisas inúteis, Dom Quixote encontrou uma antiga armadura de algum de seus avós. Como estava toda desmantelada, deu um jeito de amarrar as partes rompidas com tiras de couro e ajeitar o melhor que podia os ferros tortos. Limpou-a depois muito bem, até ficar brilhante.

Vestiu a estranha roupa, armou-se de uma velha espada enferrujada e de uma lança há muito ali esquecida, e sentiu-se tal qual um de seus heróis.

Satisfeito, montou em seu magro e estropiado cavalo. Havia chegado a hora de sair em busca de aventuras, como um verdadeiro fidalgo da ordem dos cavaleiros andantes!

Era um espetáculo ver o magríssimo Dom Quixote vestindo aquela armadura tão ridícula e montado num pangaré esquelético, o Rocinante, arrastando-se pela estrada afora, sem rumo.



5

O texto 1, extraído de Dom Quixote, clássico de Miguel de Cervantes, e o texto 2, extraído de Dom Quixote, adaptação da obra de Cervantes voltada para o público infantil, são exemplos muito bons de que:

- um texto pode ser lido num lugar e tempo muito distantes daquele em que foi produzido;
- um texto pode ser reescrito de muitas formas, objetivando atender a tipos diferentes de leitor.

## Texto e leitura

Neste nosso percurso, destacamos que a leitura é uma atividade que solicita intensa participação do leitor, pois, se o autor apresenta um texto incompleto, por pressupor a inserção do que foi dito em esquemas cognitivos compartilhados, é preciso que o leitor o complete, por meio de uma série de contribuições.

Assim, no processo de leitura, o leitor aplica ao texto um modelo cognitivo, ou esquema, baseado em conhecimentos armazenados na memória. O esquema inicial pode, no decorrer da leitura, se confirmar e se fazer mais preciso, ou pode se alterar rapidamente, como podemos verificar na leitura do texto a seguir:

## Almas Gêmeas I

- Oi! Tudo bem?
- Tudo tranquilo, e aí?
- Eu estava louca para conversar com você de novo, ontem nosso papo foi muito bom...
- É verdade, há um mês eu entrei no bate-papo meio por entrar e de repente...
- De repente?
- De repente, encontro uma Maria, com a qual sonhei a vida inteira.
- Verdade mesmo? Você está falando sério?
- Falando sério? Você nem imagina quanto! Nas nossas conversas rápidas, eu senti assim uma premonição de que ali estava, finalmente, a minha alma gêmea.
- Agora você me deixou emocionada... Mas, na verdade, eu também senti uma coisa meio diferente e hoje mais ainda, neste nosso início de bate-papo. Sabe de uma coisa, João? Até parece que eu te conheço de uma vida inteira.
- E eu, Maria? Desde outras vidas, tamanha é a afinidade que eu sinto por você.
- Que bonito, João. Assim é covardia, esta batalha você ganhou.
- Ganhei nada, sou desde já refém da sua simpatia, seu jeito, sua forma de expressar...
- Obrigada, João.
- Nem agradeça, Maria. Vamos conversar mais, quero saber tudo de você. Quem é você?

- *Adivinha, se gostas de mim...*
- *Quem é você, minha misteriosa?*
- *Eu sou Colombina.*
- *Eu sou Pierrot. Mas nem é carnaval, nem meu tempo passou. Bom, pelo menos depois de você.*
- *É verdade, João. Deixando a música de lado, eu que já não sou tão menina, apesar de estar me sentindo assim, quero que você saiba que a minha vida estava muito chata, muito monótona até que o destino te colocou neste diálogo meio louco, meio mágico...*
- *Vamos fazer o jogo da verdade, Maria? Eu sou João, ou outro nome qualquer, tenho 45 anos, casado há muito tempo, sem filhos. Meu casamento entrou numa rotina...*
- *Eu também, João, estou casada há muito tempo, também sem filhos, achando que era feliz, até te descobrir, e, principalmente, descobrir que estou viva. Apesar de também ter passado dos quarenta, estou me sentindo uma colegial, diante das primeiras emoções.*
- *A minha esposa é boazinha, mas não tem a mínima imaginação, nem a tua sensibilidade. Jamais seria capaz de um diálogo deste nível.*
- *O meu marido é honesto, trabalhador, mas é um tremendo cretino, só pensa em futebol.*
- *Eu até gosto de futebol, mas não sou muito fanático. A minha mulher só quer saber daquelas novelas chatas, sempre do mesmo jeito.*
- *Eu quase que nem assisto novelas, prefiro ler e conversar. Com pessoas como você, é claro!*
- *Pois é... este papo de internauta é gostoso, mas já não me satisfaz plenamente. Eu quero te conhecer pessoalmente, tocar no teu corpo. E quem sabe...*
- *Eu fico meio envergonhada... Mas, dane-se o pudor, estou louca para fazer com você as coisas mais loucas que puder...*
- *Que tal neste fim de semana, à tarde... a gente poderia ir a um barzinho...*
- *Eu topo!!!*
- *Me deixa o número do seu celular...*
- *Ah! É 9899...*
- *9899... Mas este é o celular da minha esposa!!! É você, Joana???*
- *José?!!!!*

Autor: Luiz Fernando Elias é cardiologista e, nas horas vagas, cronista.

Como leitores, ao iniciarmos a interação com o autor por meio do texto, situamos a história no seguinte quadro: um homem e uma mulher estão em um bate-papo de internet e, geralmente, como é esperado nessa situação, comportam-se como dois desconhecidos.

O modo pelo qual o autor constrói a história pressupõe do leitor a consideração a esse esquema, que guiará a compreensão até a penúltima linha do texto, quando a hipótese inicial, reforçada pelo desenvolvimento da história, deve ser alterada e reconstruída pelo leitor: o homem e a mulher que conversavam numa sala de bate-papo via internet não eram dois desconhecidos – não se levarmos em conta o sentido mais corriqueiro da palavra –, eram, para surpresa dos dois personagens (do mundo textual) e dos virtuais leitores (do mundo real), marido e mulher.

Assim, o texto é um exemplo de que o autor pressupõe a participação do leitor na construção do sentido, considerando a (re)orientação que lhe é dada. Nesse processo, ressalta-se que **a compreensão não requer que os conhecimentos do texto e os do leitor coincidam, mas que possam interagir dinamicamente** (ALLIENDE & CONDEMARÍN, 2002: 126-7).

Se, como vimos, a leitura é uma atividade de construção de sentido que pressupõe a interação autor-texto-leitor, é preciso considerar que, nessa atividade, além das pistas e sinalizações que o texto oferece, entram em jogo os conhecimentos do leitor. É desses conhecimentos que trataremos a seguir.